



O SAVOIR-FAIRE DE NEO¹

Objetivamos ilustrar a diferença entre a vida programada e o *savoir-faire* com o inconsciente, partindo do filme *Matrix*. O filme é uma ficção científica que mostra o planeta Terra, em 2199, dominado pelas máquinas, que se alimentam da energia de humanos, numa espécie de adormecimento induzido.

Começamos nosso percurso pela descoberta de Freud: o inconsciente. Em atenção às suas necessidades clínicas, Freud procurou dar conta das manifestações psíquicas que, excedendo à consciência, aparecem nas lacunas: os atos falhos, os sonhos e os sintomas.

Lacan fez uma releitura da obra de Freud visando dotar a Psicanálise de uma lógica mais rigorosa. Apoiando-se na função de troca simbólica descrita por Levi-Strauss, afirmou que *antes de qualquer experiência, antes de qualquer dedução individual, antes mesmo que se inscrevam as experiências coletivas que só são relacionáveis com as necessidades sociais, algo organiza esse campo* (LACAN, 1964: 28).

Lacan (1964) considera o inconsciente organizado à moda de uma linguagem. Para mostrar como o inconsciente opera, Lacan recorreu à dupla articulação descrita por Saussure (sintagma e paradigma) para reler a condensação e o deslocamento, descritos por Freud. Deu maior precisão ao conceito de *repetição* que, em 1920, Freud utiliza para nomear o caráter singular da compulsão à repetição, que suplanta o princípio de prazer.

Em 56, Lacan demonstra a determinação fundamental da ordem simbólica; a repetição extrai seu princípio da insistência da cadeia significante. Em 64, é a estrutura que determina a repetição. Para explicar o automatismo de repetição, busca em Aristóteles os conceitos de *automatôn* e de *tique*, conceituando-os da seguinte maneira: *Tiquê é para nós o encontro do real* (p. 57). *O real está para além do automatôn, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz como por acaso* (p. 59). Aqui, a repetição não é da insistência do signo e, sim, de um encontro que é sempre faltoso. Frente a esse encontro que excede, há o *automatôn*, a resposta *prêt-à-porter*.

Como, hoje, o analista pode incidir nesta direção? Numa sociedade não edípica, não se trata mais de tentar levantar o recalque para identificar a repetição. Se é verdade que a repetição visa à satisfação, não é menos verdade que existe uma diferença entre obtê-la por meio de recursos encontrados *prêt-à-porter* e inventados.

Em Lacan (1975-6) encontramos outra resposta frente à tiquê: o *savoir-faire* com o inconsciente. Nesta direção, consideramos o conceito de *sinthoma*, que se refere ao sintoma analítico esvaziado de sentido. Lacan equivale Joyce ao *sinthoma*, que fornece o aparato pelo qual ele faz passar sua singularidade no mundo. Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Joyce joga com a linguagem construindo algo que somos capazes de ler e que, no entanto, não possui qualquer sentido apreensível. Joyce encarna o sintoma de tal forma que Lacan afirma: *ele escapa a toda morte possível, deixa de se reduzir a uma estrutura*.

Voltando ao fio de Ariadne do presente trabalho, de novo à *Matrix*. No filme, paralelamente a esse mundo virtual, encontra-se Sião, a única cidade realmente humana que oferece resistência a um planeta dominado pelas máquinas. Nesse contexto, desvela-se a história de Neo.

Forbes (2008) introduz o aspecto fundamental da decisão: Sair ou não do mundo virtual, encarar ou não o mundo real. Ele afirma que a decisão é vinculada ao pensamento, a escolher algo sobre o que se está em dúvida (p.68). Para ele, *A decisão é humana; só existe decisão na dúvida; toda dúvida é arriscada; todo risco é apostado* (p. 70).

¹ Trabalho relativo ao primeiro bimestre de 2009 escrito por Célia Regina Gillio; Clara Efigênia Brasil; Daniela de Lamare; Felipe Marchiori; Garabet Kissajikian Jr.; Marina Soubhia e Patrícia Germano, sob orientação de Claudia Riolfi e M^a Helena Bogochvol.



Aqui, traçamos um paralelo entre o percurso de Neo e o conceito do desabonado do inconsciente desenvolvido por Lacan. Para tanto, faremos a seguinte analogia: identificaremos a *Matrix* com o *automatôn* e as tomadas de decisão de Neo com os frutos de *tiquê*, do encontro com o real.

Neste momento, destacam-se duas cenas. Na primeira, Neo é orientado por Morpheus a fugir dos agentes escalando o prédio. Apesar de sua vontade de seguir as instruções, Neo se vê impedido por seu medo de seguir o plano adiante. Morpheus é o personagem que propõe a Neo uma escolha, que o leva a enfrentar *tiquê*, o encontro com o Real; possui um caráter essencial, uma vez que confronta Neo com o risco que a decisão comporta. Salientamos sua fala: *Há duas maneiras de sair desse prédio. Nas duas há risco, você é quem escolhe!* – e desliga o telefone...

Na segunda cena, Neo se depara com uma escolha que é análoga à da primeira cena. Desta vez, no entanto, não se trata mais de contar com o Outro, mas de *savoir-faire*. Como ele já se inventou, supera o medo e escolhe não fugir. Não mais pergunta à Morpheus a respeito do que deve fazer. Fica e luta. Concluindo, o que nos interessa nessa analogia é destacar que, após a assunção do risco, Neo pode enxergar a *Matrix*. A partir de então, Neo vive com *savoir-faire* e sai da vida programada.

Referencias bibliográficas

COSTA, W. Prefácio. In: IRWIN, W. **Matrix – Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Ed. Madras, 2003, 1º edição.

FORBES, J. **Você quer o que deseja?** São Paulo: Ed. Best Seller, 2008, 7º edição.

FREUD, S. (1920). “**Além do Princípio do Prazer**” in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976

LACAN, J. (1956). O Seminário da Carta Roubada. In: **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, DATA.

_____(1964). **Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 2º edição.

_____(1975-76). **Seminário XXIII: O sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, 1º edição.